

BLOGS |

Algodão com história

Liana John - 07/11/2014 às 13:15



De algum modo, lá pelos idos do Século 18, o cultivo do **algodão** foi se infiltrando **Paraíba** adentro, do **agreste** para o **sertão**, contornando secas, driblando **chuvas irregulares**, até se estabelecer como um dos principais produtos do estado, ao lado da cana-de-açúcar plantada no litoral. Dos anos 1700 e até os recentes 1980, a excelência do **algodão nordestino** manteve suas amarras em terras paraibanas. Seja devido ao tipo de solo, em razão do clima árduo, talvez por pura sorte ou teimosia, o fato é que as **fibras longas** do algodão paraibano ganharam fama e permaneceram entre as melhores do mundo por muitos anos. Era coisa de qualidade mesmo, conhecida e reconhecida.

Então veio a praga do **bicudo**, um besourinho miudinho capaz de estragos imensos, como parece indicar até seu nome científico: *Anthonomus grandis*. A fêmea de bicudo, com seus meros 7 milímetros, vai até os botões de flor do **algodoeiro**, faz um furinho e deposita um ovo por vez, fechando em seguida o burquinho com uma secreção gelatinosa. Pronto! Aquela flor está condenada e nunca vai se transformar em pluma de algodão. Cada fêmea põe uns 6 ovos por dia – 6 botões perdidos – totalizando cerca de 300 por ciclo. Multiplique-se isso exponencialmente e está aí a explicação de como um punhado de bicudinhos pequeninhos acaba com uma plantação inteira em uma única safra!

No início dos anos 1990, a Paraíba passou da liderança na exportação à importação de algodão. E muitos agricultores foram forçados a mudar de cultura, ir para as frentes de trabalho contra a seca ou migrar. Quem ficou, recorreu a altas doses de veneno sem conseguir atingir a nova geração da praga, protegida como ela fica em sua “toca” devidamente selada.

Mais de 20 anos de pesquisas foram necessários para o algodão voltar ao mapa da Paraíba, agora na versão certificada, orgânica e com o charme do **colorido natural** obtido a partir de pesquisas da **Embrapa Algodão**. “Esse marrom já existia aqui no meio do branco, mas a gente arrancava e botava fora. Agora quando nasce um branco no meio é que a gente arranca”, conta **Aloizio Rodrigues dos Santos**, agricultor criado em roças de algodão, hoje campeão em produtividade no **Assentamento Margarida Maria Alves**, em **Juarez Távora**, no **Agreste da Paraíba**. “Depois que veio a Embrapa, fez a semente, a gente só planta dele, do marrom e do rubi. O preço é melhor. O algodão resiste melhor, aguenta sol, né? Aí que a gente vai tratando dele, aquele sereno, ele vai saindo... Nesse ano mesmo, aí que eu não planto esse algodão não tinha nada”.

O algodão colorido, de fibras marrons, foi melhorado e multiplicado pela Embrapa e ganhou diversos matizes, entre o rosado e o

esverdeado, sempre em tons pastel, suaves. Para as **tecelagens**, isso significou eliminar o **tingimento químico** e seus **poluentes**, descartados em cursos d'água. Para os agricultores, a alternativa deu novo impulso à cultura do algodão. Mas ainda era preciso dar conta do bicudo, pois a praga não tem preconceito de cor e ataca igualmente qualquer tipo de algodão.

A solução veio com o manejo. “Antes o plantio de uma nova safra começava logo após a colheita e o bicudo tinha abrigo e comida garantidos. Então, além de queimar os restos da colheita anterior, deslocamos a época de plantio em alguns meses, para criar um vazio agrícola. Isso diminuiu o aproveitamento das chuvas, mas essas variedades são mais **tolerantes à estiagem** e crescem com pouca água”, explica o analista **Isaías Alves**, da Embrapa Algodão. Ele faz a ponte entre a pesquisa e o campo, repassando aos produtores as técnicas desenvolvidas em **Campina Grande (PB)**. O **espaçamento** entre os pés de algodão também é maior, para deixar o sol entrar e reduzir os esconderijos do bicudo (à sombra). E quando surge um foco do besourinho, o combate é manual: os botões comprometidos são arrancados e **queimados**.

“Então, para a gente conviver com ele, a gente tem o período de ‘*planta*’ e tem também a ‘*catagem*’ de botão. Quando o botão é atacado a gente cata, queima e o recurso de a gente trabalhar com bicudo é esse aí”, confirma o agricultor **Rizeldo Alves do Nascimento**, do mesmo assentamento em Juarez Távora. “Também temos vantagem devido a essa máquina que nós temos aqui, né? Que beneficia o algodão. Aí a gente vende a **pluma**, o **caroço** sobra, fica sobrando para a gente dar pros animais e plantar no próximo ano. O preço valorizou devido à máquina também, tanto quanto por causa da condição de a gente não usar **veneno**”.

“A gente não acreditava. A gente tinha botado tanto veneno e o bicudo não acabou. Mas mudou a época de plantio, em 2000 mais ou menos, e aí deu para plantar algodão de novo”, reitera **Luiz Rodrigues da Silva**, conhecido como **Seu Betinho**. Ele cuida da associação de produtores do assentamento, em cuja área de 733 hectares originalmente foram assentadas 36 famílias. Hoje o total de famílias subiu para 50 e a maioria planta algodão colorido, além de criar gado, ovelhas e cabras e produzir alimentos para consumo próprio.

A associação tem a tal máquina de descaroçar algodão, com capacidade para beneficiar toda a produção dos assentados. “Aqui, agora, a gente leva lá na usina, na máquina. Passa na máquina, tira a lã, fica só o caroço. Aí a semente a gente planta para o ano”, resume Aloizio Rodrigues, mostrando uma pluma de algodão marrom. Os químicos foram eliminados e o solo só recebe **adubo orgânico**, de compostagens feitas ali mesmo, com o **esterco do gado**. A certificação é comunitária, do assentamento todo. Até 2013 recebeu o selo **IBD orgânico**. A partir desta safra será uma **certificação participativa**, de custo menor para os agricultores e com a auditoria feita pelos próprios produtores, um vizinho auditando o outro.

O fato de o algodão de Juarez Távora dispensar a tintura química e não conter resíduos de fertilizantes ou pesticidas faz muita diferença fora do campo também, para os tecelões. **Vanderlei Camilo dos Santos**, de **Galante (PB)**, trabalha com máscara e luvas quando o algodão é comum, mas dispensa os equipamentos de proteção ao fiar e tecer o **algodão orgânico colorido**. Como ele diz: “quando é o natural, não precisa, ele é orgânico, não afeta a nossa saúde. Até na parte de **acabamento** ele dá uma qualidade melhor, é um produto mais **macio** de trabalhar, não tem aquela **agressividade** na hora que a gente trabalha nas peças”.

Toda essa transformação na cadeia produtiva – com a adoção de **práticas sustentáveis** e a percepção de **benefícios ambientais, sociais e de saúde** – só foi e é possível graças à garantia de **preço diferenciado** pago pelo algodão orgânico certificado e naturalmente colorido. E essa garantia tem um nome próprio: **Francisca Gomes Vieira**.

A empresária abriu uma confecção em **João Pessoa**, em 1995, e começou a se preocupar com a sustentabilidade por volta de 2002. Para concorrer com a invasão de **têxteis da China**, ela procurava acrescentar detalhes, rendas e acessórios **artesanais e locais** aos seus modelos. Em 2005, adotou os tecidos de algodão colorido disponíveis na região. “Eu já via esse algodão como um **produto de exportação**, com um potencial muito grande, desde o começo”, conta Francisca.

Ela logo partiu para o **mercado internacional**, fechando um contrato com o **Japão** em sua feira têxtil de estreia, já com a marca **Natural Cotton Color**. Era 2007 e, de repente, faltou algodão colorido para honrar o **compromisso firmado** lá fora. Francisca ainda fica indignada com o por quê: “Era uma coisa muito estranha: como pode faltar matéria prima na Paraíba, que é um estado com um histórico de produtor de algodão? Eu queria conversar com o homem do campo, mas ninguém dava os contatos para a gente, porque todo o algodão era comprado por duas ou três tecelagens e a gente não sabia de onde vinha”.

Foi preciso bater na mesa e exigir das autoridades o acesso aos plantadores. “Quando eu fui conversar com eles, aí vi porque estava faltando: estavam pagando **barato demais!** Consegui botar a mão num contrato em que um quilo de rama de algodão branco custava R\$ 0,80 e um quilo de colorido era R\$ 0,90, sendo que a **produtividade** deste é mais baixa. Então é óbvio que ia faltar produto. Aí eu disse: ou dobra o preço desse algodão ou isso é inviável”.

Francisca comprou a briga com as tecelagens; fechou um contrato direto com os agricultores; pagou o dobro e ainda arrematou quatro toneladas de algodão branco orgânico da safra anterior, cujo contrato de boca as tecelagens não haviam cumprido. Passou a criar **tecidos**, além de modelos, misturou branco com marrom, experimentou **texturas novas** e chegou a arrancar elogios de compradores franceses!

A partir daí, ela passou a cuidar de toda a **cadeia produtiva**, acertando também com a associação de tecelões de Galante, comandada por Vanderlei Camilo dos Santos, para fabricar os tecidos. Nunca mais faltou **matéria prima** para suas coleções,

exportadas para **Itália, Espanha, Japão, França e Estados Unidos**, onde, inclusive, neste mês de setembro foi inaugurada uma loja exclusiva, em **Nova Iorque**.

O preço pago por Francisca Vieira aos assentados de Juarez Távora ainda é o dobro do praticado na região, o mais alto do mercado brasileiro: R\$ 10,00 o quilo de algodão beneficiado. Para ela, a **sustentabilidade econômica** dos agricultores assegura a **sustentabilidade ambiental** de seu produto e um **comércio realmente justo** de ponta a ponta. O valor das peças de roupa vendidas no exterior deve beneficiar todos os elos da cadeia. Em suas palavras: “Não tem porque pagar barato o homem do campo. O negócio só é bom quando eu ganho dinheiro, o agricultor ganha o dinheiro, o tecelão ganha dinheiro, a fiação ganha dinheiro, minha distribuidora lá na França ganha dinheiro. Nenhum trabalha sem o outro, são elos extremamente importantes, então o dinheiro tem que ser dividido”.

Tem razão a Francisca: nas **tramas de algodão natural** de suas roupas foi urdida uma **história de sustentabilidade**, no sentido pleno do termo. Não há como segregar um fio sem desmanchar tudo. Melhor cuidar de manter o tecido inteiro, que todos saímos ganhando.



1. O algodão que já nasce marrom dispensa a tintura química e não desbota com o tempo.



2. O algodão cultivado por Aloizio Rodrigues dos Santos é o campeão em produtividade do Assentamento Margarida Maria Alves, no Agreste paraibano.



3. O bicudo-do-algodoeiro, que dizimou plantações em todo o Nordeste, agora é combatido sem veneno, com manejo.



4. O algodão colorido orgânico é plantado depois da época tradicional e com espaçamento maior entre linhas, para deixar o sol entrar e manter o bicudo de fora.



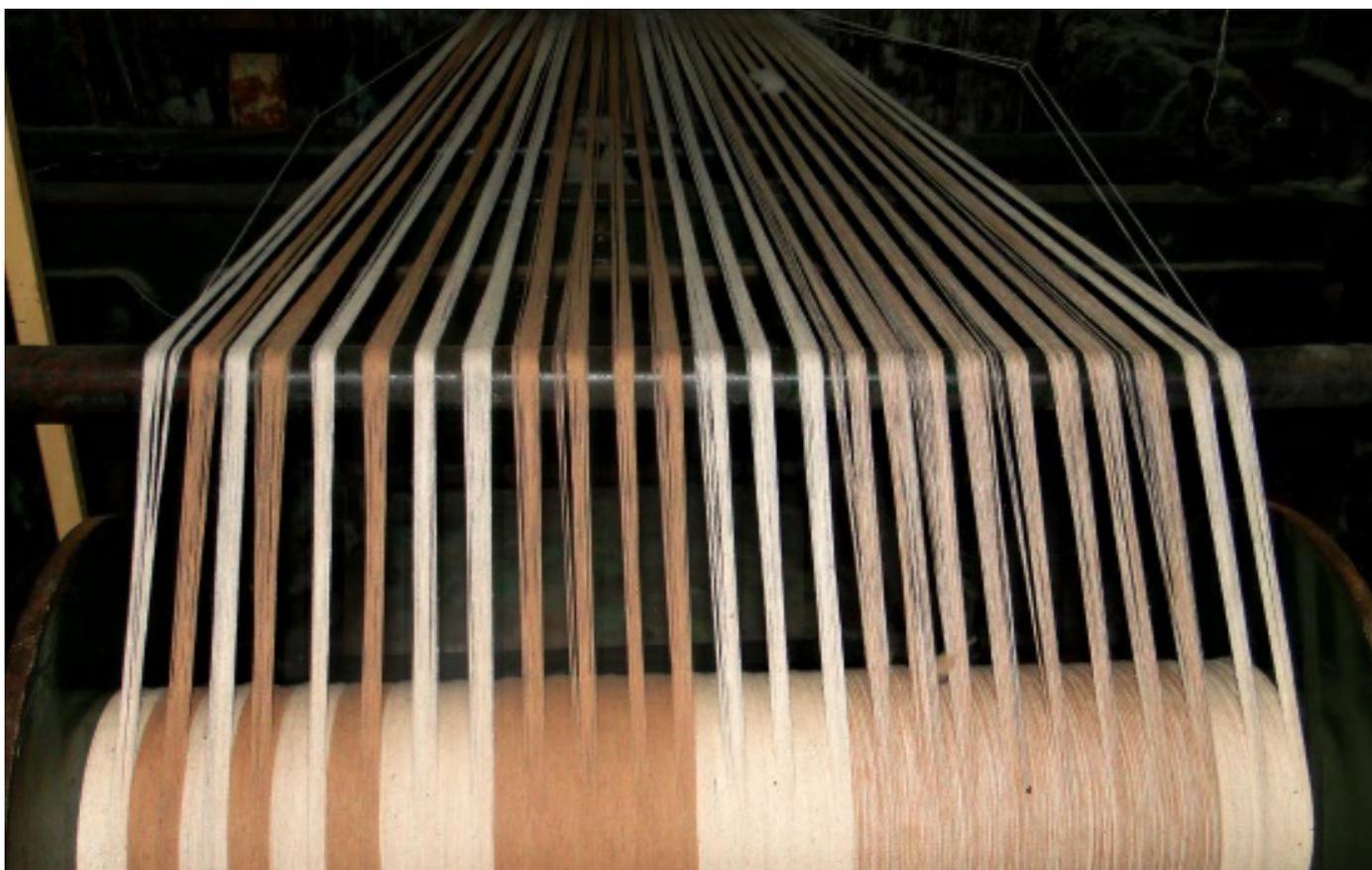
5. O esterco do gado, fermentado e “curado” ao sol, substitui o adubo químico nos campos de algodão orgânico.



6. Embora menos produtivo do que o algodão branco, o colorido produz melhor em anos de seca e chega a “botar pluma” só com o “sereno”.



7. Com fios de diversos tons entre o bege e o marrom é possível obter muitas texturas naturais.



8. Nos teares, os tecelões chegam a diferenciar o algodão colorido orgânico pelo tato, dada a maciez.



9. A modelagem *Made in Paraíba* conquistou clientes japoneses e arrancou elogios dos franceses.



10. Em vez de número de série, cada modelo criado na fábrica da Natural Cotton Color tem nome próprio.



11. Francisca Vieira precisou cuidar de toda a cadeia para garantir a exportação de suas peças de algodão com história.

Made in Paraíba, com 11:02 minutos de duração

ver este post

comente

Comentários

07/11/2014 às 14:19

Zaga - dig:

Muito interessante este post Liana. Parabéns pela pesquisa .

Em tempo: tomara que vc tome chuva neste fds. Estou torcendo p/ isso(rss)!!! Abç, Zaga.

10/11/2014 às 17:30

Selma V. Tavares Horibe - dig:

Francisca Vieira... Parabéns pela dedicação a um trabalho que valoriza o pequeno agricultor e eleva nosso país lá fora.

18/11/2014 às 12:21

Algodão colorido: sustentabilidade e comércio justo | Babel das Artes - Artesanato Brasileiro - dig:

[...] A reportagem do site Planeta Sustentável, no Assentamento Margarida Maria Alves, em Juarez Távora, no Agreste da Paraíba, fala sobre a produção sustentável e ecológica: “Os químicos foram eliminados e o solo só recebe adubo orgânico, de compostagens feitas ali mesmo, com o esterco do gado. A certificação é comunitária, do assentamento todo. Até 2013 recebeu o selo IBD orgânico. A partir desta safra será uma certificação participativa, de custo menor para os agricultores e com a auditoria feita pelos próprios produtores, um vizinho auditando o outro”. [...]

Deixe aqui seu comentário:

Preencha os campos abaixo para comentar, solicitar ou acrescentar informações. Participe!

Seu nome:

Seu e-mail:

Enviar

AgriSustenta



É possível cultivar e conservar? Produzir ambientes saudáveis além de alimentos saudáveis? Cuidar dos custos e também do solo e da água? Dá para reduzir poluentes no meio rural? É viável transformar resíduos de colheitas em produtos? Efluentes de chiqueiros em energia? As atividades agropecuárias podem ser sustentáveis? Acreditamos na resposta SIM para todas essas perguntas. E, por isso, abrimos este espaço aos exemplos de agricultores/criadores e à opinião de especialistas. Queremos reunir boas ideias e boas informações para conectar **AGRICULTURA** e **SUSTENTABILIDADE**. Esperamos estimular os produtores a multiplicar as melhores experiências no campo. E pretendemos inspirar os consumidores a endossar essas práticas na cidade, por meio de suas opções de compra. AgriSustenta é um blog produzido pela equipe do **Planeta Sustentável** com curadoria da jornalista ambiental **LIANA JOHN**.

Arquivos de posts

2014 | **2015**

JUNHO 2015 - (1)

MAIO 2015 - (2)

ABRIL 2015 - (1)

MARÇO 2015 - (1)

Nuvem de tags

-floresta adubação verde agenda 21 **agricultura** agricultura familiar agricultura orgânica **agrisustenta** agroecologia agronegócio alimentos ambiental baixo carbono biodigestor biodigestores biodiversidade biogás campo captação de água de chuva certificação do café chorume do curral conservação conservação ambiental conservação do solo crédito rural código florestal diversidade esalq fertirrigação flutuações climáticas futuro gado leiteiro **livro eletrônico** manejo integrado de pragas matas ciliares **mudanças climáticas** produção produção agrícola Programa ABC práticas agrícolas sustentáveis **recuperação** redução de emissões reforestamento rio92 **segurança alimentar** solo suinocultura **sustentabilidade** sustentável tropical água

Outros Blogs

- | | | |
|--|--|---|
| A HUMANIDADE CONTRA AS CORDAS | BICHOS DO PANTANAL | BIODIVERSA |
| BLOG DO CLIMA | BIOGÁS: A ENERGIA INVISÍVEL | BLOG DA REDAÇÃO |
| MUITO ALÉM DA ECONOMIA VERDE | CORPORAÇÃO 2020 | GAIATOS E GAIANOS |
| PARCEIROS DO PLANETA | NA GARUPA | O DIVERGENTE POSITIVO |
| PLANETA ÁGUA | PLANETA URGENTE | PLANETA EM AÇÃO |
| SEMANA ABRIL DE JORNALISMO AMBIENTAL | PROSPERIDADE SEM CRESCIMENTO | QUANDO NEGÓCIOS NÃO SÃO APENAS NEGÓCIOS |
| | SUSTENTÁVEL NA PRÁTICA | URBANIDADES |

Patroínio

Siga o Planeta

